

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.
BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

O REGENTE

Dirige, de facto, momentaneamente os destinos d'este paiz sua alteza real o principe D. Carlos. O illustre rapaz «faz as suas primeiras armas como reinante, na qualidade de regente do reino», segundo disse um jornaleco da monarchia. Pois damos-lhe os parabens e creia sua alteza que é com a maior satisfação que nós, os mais respeitadores e veneradores dos seus vassallos, o vemos fazer «armas».

Todos os reis tem a sua predilecção por qualquer trabalho manual. Assim, já um houve n'este paiz que trabalhava ao torno com perfeição. Feliz tempo era esse, porque enquanto elle trabalhava no torno havia um homem extraordinario que trabalhava em bem da nação, sem ser incommodado por aquelle patheta.

D'ahi o estribilho popular:
El-rei no torno
Marquez no throno.

O actual herdeiro das tradições realengas, seguindo o exemplo de tão celebre avoengo, «faz armas». Pois faça, faça, mas veja lá não se espete n'ellas e não deixe por isso de fazer mais alguma cousa. Olhe que quasi todos os seus ascendentes tem arranjado armas a valer e nem por isso o pobre Portugal tem deixado de marchar a passos accelerados para o abysmo que o espera. Por conseguinte, já que vossa alteza gosta d'armas, e cada um come de que gosta, vá-as preparando,

Folhetim

A MATANÇA DOS CHRISTÃO-NOVOS

Era na primavera de 1506. A irregularidade das estações nos dous annos antecedentes, irregularidade que se potrahiu até ao anno seguinte, deu em resultado a fome. Ainda n'aquella epocha a falta de subsistencias trazia, em regra, por companheiro um flagello, então trivial, não só por esta, mas tambem por outras causas. Era a peste.

Já no outono de 1505 se manifestavam em Lisboa os symptoms do terrivel mal. A corte, fugindo ao perigo á medida que elle se approximava, passava successivamente para Almerim, Santarem e Abrantes. D'alli el-rei, atravessando o Tejo, dirigia-se a Beja, onde então residia a infanta D. Beatriz, sua mãe, quando ao chegar á Aviz vieram saltear-lo novas tão espantosas como inesperadas.

Um motim popular contra os christãos novos rebentara em Lisboa, e esse motim fóra assignalado por scenas horribes. Tomadas as providencias mais urgentes, e passando rapidamente por Beja, D. Manuel veio fixar a sua residencia em Setubal, resolvido a proceder severamente contra os habitantes da capital. Eis os factos que, suscitando a indignação d'el rei e exigindo exemplar castigo, resultaram dos inqueritos a que se procedeu, logo que foi possível conter o tumulto e restabelecer a paz.

Desde janeiro que a peste redobrava d'intensidade em Lisboa, e nos principios d'abril era tal o progresso da epidemia que

mas não se esqueça de fazer mais alguma cousa que se veja.

Um outro jornaleco realista disse:

«O timbre da voz do principe real, vibrando como um clarim, o seu ar profundamente varonil, a sua esbelta e sympathica figura marcial, deixaram impressionadissimos quantos assistiram áquelle acto solemne (o da jura.)»

O timbre da voz do principe real, vibrando como um clarim, impressionou deveras o auditorio monarchico. Ora nos regimentos de cavallaria, o clarim só impressiona os cavallos quando faz o toque da razão. Que diabo! Nós não queremos estabelecer comparações de qualidade alguma, mas realmente quem nos falla em clarim, instrumento guerreiro das cavallarias, e em impressões por elle causadas, lembra-nos immediatamente a indifferença com que os cavallos o ouvem d'ordinario, excepto quando toca á razão. N'esse momento o espectáculo nas cavallarias é lindo e imponente.

Isto da voz do principe real parecer um clarim é mau. Oxalá que elle nunca possa imitar o toque da razão para os seus apaniguados e o toque de bota sellas para o Zé.

Quanto ao ar profundamente varonil do rapaz, á sua esbelta e sympathica figura marcial, nada temos que objectar. Quem já tem voz de clarim, tambem pode ter cara e aspecto de porta machado. E realmente o principe usa barba cerrada, o que pelos regulamentos militares a que sua alteza está sujeita, só é permitido aos porta machados.

a mortalidade subia alguns dias ao numero de 130 individuos. Faziam-se preces publicas, e a 13 do mez ordenou-se uma processão de penitencia, que, saindo da igreja de S. Estevam, se recolheu na de S. Domingos, seguindo-se a celebração de preces solemnes. Durante ellas o povo implorava em gritos a misericordia divina. No altar da capella chamada de Jesus havia n'aquelle tempo um crucifixo, e no lado da imagem do Salvador um pequeno receptaculo, que servia de custodia a uma hostia consagrada.

No excesso da exaltação religiosa houve quem crese ver ali, e talvez visse, uma luz estranha. Espalhou-se logo voz de milagre. Ou que os dominicanos, aproveitando a illusão, realisassem artificialmente a supposta maravilha ou que a credulidade, fortalecida pelos terrores da peste, predispozesse cada vez mais a imaginação do vulgo para ver aquelle singular claro, é certo que ainda nos dias seguintes havia quem affirmasse divisa-lo perfectamente.

Todavia, o voto mais commum era que essa maravilha não passava d'uma fraude, e ainda muitos dos mais crentes suspeitavam que o facto existira apenas nas imaginações escandecidas.

Durante quatro dias a creença no prodigio foi ganhando vigor. No domingo seguinte ao meio dia, celebrados os officios divinos, examinava o povo a supposta maravilha, contra cuja authenticidade recresciam suspeitas no espirito de muitos dos espectadores. Achava-se entre estes um christão novo, ao qual escaparam da boca manifestações imprudentes de incredulidade acerca do milagre. A indignação, dos crentes, excitada, provavelmente, pelos accresces da burla, communicou-se a multidão. O miseravel blasphemio foi arrastado para

Ouçamos agora est'outro jornal monarchico, que se refere ao discurso lido pelo regente:

«Um collegial teria feito obra muito melhor, tanto em edéas, como em estylo e em grammatica.»

Ora eis ahi como o demonio as arranja. Ficamos sabendo que sua alteza «faz armas, tem voz de clarim, figura de porta machado», mas que não tem edéas nem sabe grammatica. Não são os republicanos que o affirmam, são os amigos do throno e do altar.

Que commentarios faremos a isto? Nenhuns. Depois do que os monarchicos esereveram, seria inutil tudo quanto escrevessemos. Eu, como republicano, não posso por forma alguma sympathisar com um regimen, cujo chefe ficaria reprovado em exame d'instrucção primaria, se por acaso cahisse na tollice de se sugerir a essa prova, por que muitos de nós passamos. Procedo mal, erradamente? O leitor que o diga.

Duas palavras para terminar. Os monarchicos perguntam-nos muitas vezes com emphase, onde vamos nós encontrar um homem capaz de presidir a uma republica. Approveito n'este instante a occasião para indicar ao leitor a edéa magnifica, soberba, sublime que esses homens fazem do regimen republicano. Tão sublime, tão soberba, que não encontram entre os varios talentos do partido republicano portuguez um, capaz d'occupar n'elle o lugar de chefe d'Estado.

Quanto mais não vale pois a Republica, que tão grande engenho precisa para a dirigir, do que uma monarchia, a que um semi-analfabeto basta? Se o regimen republicano fosse igual ao regimen realista, encontraríamos no

o adro, assassinado, e queimado o seu cadaver.

O tumulto attrahira maior concurso de povo, enjo, fanatismo um frade excitava com violentas declamações. Dous outros frades, um com uma cruz, outro com um crucifixo arvorado, saíram então do mosteiro bradando, *heresia, heresia!* O rugido do tigre popular não tardou a reboar por toda a cidade. As marinheiras de muitos navios estrangeiros fundeados no rio vieram em breve associar-se á plebe amotinada.

Seguiu-se um longo drama de anarchia. Os christãos novos que giravam pelas ruas desprevinidos eram mortos ou mal feridos e arrastados, ás vezes semi-vivos, para as fogueiras que rapidamente se tinham armado, tanto no Rocio como nas ribeiras do Tejo. O juiz do crime, que com os seus officiaes pretendia conter o motim, apedrejado e perseguido, teria sido queimado com a propria habitação, se um raio de piedade não houvera momentaneamente torçado o coração do tropel furioso que o perseguia, ao verem as lagrimas da sua esposa, que, desgredada, implorava piedade. Os dous frades enfureciam as turbas com seus brados, e guiavam-nas com actividade infernal n'aquelle tremendo lavor. O grito da revolta era: *Queimao-o!*

Quantos christãos novos encontravam, arrastavam-nos pelas ruas e iam lança-los nas fogueiras da Ribeira e do Rocio. N'esta praça foram queimadas n'essa tarde frezetas pessoas, e ás vezes, n'um e n'outro lugar, ardião a um tempo grupos de quinze ou vinte individuos. Acrielade d'aquelle bando de cannibaes não se desvaneceu com o repouso da noite. Na segunda-feira as scenas da vespera repetiram-se com maior violencia, e a crueldade da plebe, incitada pelos

paiz, pelo menos cincoenta mil homens capazes de o dirigirem.

Até eu, oh céos! poderia ser presidente da Republica. Desculpem esta declaração ousada do mais humilde de todos os republicanos, porque é puramente hypothetica.

Ignotus.

SUB SOLO-IGNIS

II

Vamos falar da instrucção.

Visto que temos de tocar em todos os pontos da questão social que ahi se agita tremenda, não deixaremos no escuro tão importante assumpto.

O auctor d'estas linhas (vá lá por uma vez essa affirmacão sem mascara) appoia d'alma e coração o moderno movimento socialista. É como socialista leal e convicto que elle pede a instrucção primaria gratuita e obrigatoria para todos, e a instrucção secundaria e superior—gratuita para todos.

Pedimos isto em nome da *Egualdade*, esse mote sagrado da nossa bandeira redemptora.

No fim de contas o socialismo resume toda a sua questão n'aquelle verso do meu sempre amado poeta Narciso de Lacerda:

«Pão aos que não tem pão, luz aos que não têm luz!»

Vamos em primeiro lugar falar do direito que todos temos á luz, e mostraremos o velho caso de Julio Vallés. Depois falaremos do estado da instrucção publica em Portugal.

Falemos pois.

Isto não é coisa que se demonstre. Enuncia-se e tanto basta para se comprehender.

Se a natureza humana apresenta por toda a parte o mesmo aspecto, se a conformação do cerebro é em todos os individuos, essencialmente a mesma; se todos têm o dever de prestar cul-

frades, revestiu-se de formas ainda mais hediondas. Acima de quarentas pessoas tinham perecido na vespera: n'este dia passaram de mil.

Segundo o costume, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões, o odio, a vingança covarde, a calumnia, a luxuria, o roubo. As inimidades profundas achavam no motim popular ensejo favoravel para atrozes vinganças, e muitos christãos-velhos foram levados ás fogueiras com os neophytos judeus. Alguns só obtinham salvar-se mostrando publicamente deante dos assassinos que não eram circumcidados.

As casas dos christãos-novos foram acomettidas e entradas. Mettiam a ferro homens, mulheres e velhos: as crianças arrancavam-nas dos peitos das mães e, pegando-lhes pelos pés, esmagavam-lhes o crango nas paredes dos aposentos. Depois saqueavam tudo. Aqui e acolá, viam-se nas ruas alagadas de sangue pilhas de quarenta ou cincoenta cadaveres que esperavam a sua vez nas fogueiras. Os templos e os altares não serviam de refugio aos que tinham ido acoutar-se á sombra d'elles e abraçar-se com os sacraros e imagens dos sanctos. Donzellas e mulheres casadas, expellidas do sanctuario, eram prostituídas e depois atiradas ás charras.

Os officiaes publicos, que por qualquer modo buscavam pôr diques a esta torrente d'atrocidades e infamias escapavam a custo, pela fuga ao impeto, irresistivel das turbas concitadas; porque, além da gente dos navios estrangeiros, mais de mil homens da plebe andavam embebidos n'aquella carnificina.

A noite, que descia, veio, afinal cobrir com o seu manto este espectáculo medonho, que se renovou no dia seguinte. Mas já as hecatombas eram menos frequentes, porque

to ao Bello, ao Justo, e ao Verdadeiro; se todos além do eu material têm tambem um eu moral, e se para a vida d'um e d'outro eu se necessita de gastar abundante e escolhida alimentação;—é claro, que todos têm direito á instrucção, como todos têm direito ao sustento corporal.

A instrucção é o pão que alenta e fortifica a alma. Todos a podem receber. Os mesmos materiaes que entram na confecção do cerebro do individuo—A entram tambem na confecção do cerebro do individuo B. O que varia de individuo para individuo não são as qualidades, são as quantidades; o que faz varias as aptidões, e as vocações, mas que não inibe alguém de adquirir a somma dos conhecimentos de que hája mister.

Sem a educação do sentimento o homem não chega a uma perfeita comprehensão do Bello. Sem uma orientação philosophica, que lhe mostre a somma dos deveres correlativos á somma dos direitos, o homem não discernirá o justo do injusto, e d'ahi a espantosa criminalidade que as estatisticas accusam nas classes baixas. Emfim, se todo o homem tem por fim dos seus labores quotidianos—a Verdade; se esta apenas é accessivel por meio da sciencia, claro está que todos têm direito á luz, pois que todos necessitam de bater o Erro em retirada.

Tal é em summa o bello pensamento de Lefevre:

«Saber para trabalhar, trabalhar para saber».

Mas queremos a instrucção gratuita para todos, aliás, apoz a destruição da tyrannia feudal, dos velhos privilegios fidalgos, teremos ahi uma aristocracia scientifica, com o bello privilegio da instrucção, sómente accessivel aos ricos.

Mas que a Sociedade não pare. Depois de nos ter ministrado o pão do espirito, que nos faça o especialissimo obsequio de nos ministrar o pão do corpo.

Mas soceguem os senhores que por complacencia me estão escutando. Nós dispensamos as suas esmolmas... queiram pois guardar a bolsa, que já abriam generosos. Queremos unicamente trabalho, um trabalho bem remunerado, já se vê, no logar d'essa iniqua

escaceavam as victimas. Os christãos velhos que ainda acreditavam em Deus e na humanidade tinham aproveitado o cansaço dos algozes para salvar grande numero d'aquelles desgraçados, escondendo-os ou facilitando-lhes a fuga, inutil até certo ponto, porque ainda varios d'elles foram assassinados nas aldeias circumvisinhas. Até a terça-feira á tarde o numero dos mortos orçava por dous mil individuos. A medida que faltavam alfalhas que roubar, mulheres que prostituir, sangue que verter, a multidão assernava, e os filhos de S. Domingos, recolhendo-se ao seu aultro, iam repousar das fadigas d'aquelle dia.

Não era, porém, só o cansaço e a falta de vigor que induziam as turbas á moderação. O regedor da justiça, Ayres da Silva, o D. Alvaro de Castro, governador da casa do civil tinham-se a este tempo aproximado de Lisboa com os officiaes de justiça e gente armada e, fazendo alto juncto ás muralhas contiguas a S. Vicente de Fora, haviam mandado lançar pregão para que os cidadãos pegassem em armas e fossem reunir-se á força publica, sob pena de perdimento de seus bens. Os moradores da capital extranhos á carnificina e, talvez, alguns dos proprios assassinos, corriam a apresentar-se no campo juncto do S. Vicente. Assim, o temor devia fazer escuir os ardores do fanatismo. Alguns frades, por ventura compromettidos n'aquelles negros successos, buscaram ser medianeiros entre a gentalha e a força publica.

Acordaram com elles os magistrados que a revolta acabara prometendo-se a impunidad, promessa que equivaleria á quitação de todas as leis do mundo moral, se não fosse o unico meio de restabelecer o socego e facilitar a punição dos culpados.

Alexandre Merulaço.

«Exploração que por ahí vae subsistindo. Porque d'outro modo teriamos o velho caso referido por Julio Vallés, o sympathico revolucionario francez: um homem muito sabio, a quem o Estado deu com caridade vivas e confortaveis torrentes de luz, mas que em seguida deixa andar coberto d'andrajós, e roido pela fome.»

Em Portugal—ai de mim!— a instrução está uma miseria, hoje mesmo, sob o consulado d'um poeta lyrico e d'um Vilhena qualquer, renegado da Democracia.

A instrução primaria entregue nas mãos dos jesuitas, de batina uns, de casaca outros, emquanto que os professores orientados pelos modernos methodos intuitivos são afastados do ensino, porque têm menos conhecimentos de tal ou tal sciencia, que os senhores governantes houveram por bem confundir com a instrução primaria (vid. os exames do magisterio). D'este modo podem as escolas primarias fornecer-nos ampla colheita de pedantes, de pequenos sabichões, e outras pragas semelhantes; mas o que ellas por essa forma não são capazes de dar é homens instruidos, com a somma de conhecimentos uteis para a pratica da vida.

Sobre o assumpto aqui discutido, recommendamos ao leitor o ultimo livro de Sequeira Ferraz.

Vamos lá á instrução secundaria; duas palavras só.

Não obstante o cuidado, que o sr. Thomaz Ribeiro das Flores d'Alma, disse dar-lhe o enorme roubo das propinas, quando era governador civil da *invicta*, houve por bem mimosear-nos ainda com a suprema iniquidade dos 6^{los}.

Está bem. Continuem os ladrões da quadrilha d'el-rei e do sr. Fontes. O povo pode e deve pagar mais; e os estudantes... tambem.

Se não quiser pagar, que não se instrua. Elle, a canalha, não precisa d'isso. A instrução é só para os bafejados da Fortuna...

A tempestade ruje na Europa. A questão politica abraça-se á questão economica, e não tardará muito que rebente uma espantosa guerra social.

Quereis evitar excessos? quereis que a revolução se opere pela philosophia, em vez de se operar pela metralha?

Facultae a instrução a todos, e já. Amanhã talvez seja tarde.

Heliodoro A. Salgado.

DA TRIBUNA

Diz Rivarol que o ser que pensa deve cabir dos joelhos deante do mais elevado de seus pensamentos.

E' Deus? é a virtude? é o amor? A nada d'isso eu ajoelho.

«Uma genuflexão, diz Hugo, atropia o musculo que verga e a vontade que ordena.»

Evidentemente quem ajoelha está chegado ao mais alto grau de imbecillidade.

Vamos mostral-o.

Supponhamos o primeiro dos casos. O homem prostra-se para adorar Deus. Para que? é Deus? onde está elle? perguntae-o aos seus adoradores, e vereis quanto ficam enleados. Suppondo que Deus existe, a sua individualidade deve ser tão superior á nossa, que uma adoração ou um ultrage da nossa parte lhe devem ser indifferentes. Direis que elle gosta d'essas provas de submissão. Quem vol-o disse? foi elle?—Não. Foram os padres que vos rebaixam e vos roubam ainda por cima. Deus não toma conta na vossa adoração, nem percebe o vosso idioma. Está muito longe e é muito alto para vos dar attenção. Que importa ao jardineiro que a pequenissima formiga necessite d'aquella flor?—corta-a do mesmo modo porque não vê a formiga, nem ouve a sua prece. Pois tal succede entre nós e o Creador, quando se lhe admitta a mysteriosa existencia. Por conseguinte, mortaes, nada de perder tempo com essas futilidades. O trabalho espera por vós. Levantae-vos do chão frio d'essa egreja tenebrosa. Vede bem, que por detraz do reposteiro o bonzo

ri a bom rir da vossa triste figura. Oh! elle bem sabe a farça que vos faz representar!

Pois que é Deus?—um puro espirito, infinito no tempo, infinito no espaço, infinito na sua actividade, sempre infinito, por qualquer lado que o consideremos. Como pois exercer—*particularmente*—em nós a sua actividade? não seria isso limital-a?

A adoração a Deus implica uma negação.

Parece um paradoxo, mas não ha nada mais claro. Entende ou não entende o homem que Deus o vê e o escuta *particularmente* quando elle ora?—decerto.—Pois isso é limital-o, é tornal-o finito, e um Deus finito é um absurdo. E ahí temos Deus negado.

Onde está elle?...

Procurae-o bem. Se em alguma parte o poderdes localisar, prostrae-vos perante a sua face, porque então já o tendes limitado. Mas não vos esqueçaes de quando vos erguerdes o puxardes pelos pés, para tombar o idolo imbecil, que se deixa apanhar em flagrante materialisação.

Não, ó honesto e virtuoso trabalhador! nunca vergues o teu joelho. A virtude merece os nossos respeitos e a nossa imitação. O amor... esse sabem todos o que merece, que não é a idolatria, mas um puro affecto, terno, mas moderado.

De que te serve a ti, ó pobre mulher sem pão, esse Christo negro que pende da parede da tua alcova, e ao qual recorres na hora das afflições e da amargura?

Ah! arranca d'ahi esse perpetuo cadaver, terror de teus filhos innocentes. Não é elle quem te dá de comer, mas sim o teu trabalho.

- Para onde vaes tu, camponez?
- Vou á missão.
- Para onde vaes tu, artista?
- Ouvir missa.
- Para onde vaest tu, meu menino?
- A' confissão.
- Sempre o templo! e o campo á espera da cultura; e a officina á espera dos braços vigorosos do artista; e a eschola chorando a falta d'aquella criança!

—E que pão comereis vós? e com que vos vestireis no inverno?...

Ah! infame religião, que manda esquecer o homem as suas necessidades d'amanhã, porque não se sustenta o homem só de pão, mas de toda a palavra divina!

Ahí tendes o lavrador sem pão e sem vinho; ahí tendes o artista debilitado pela fome; ahí tendes a criança sem luz, armada já do punhal do bandido.

Vá, ó corvos da Santa Igreja, afiae as garras para as enterrardes n'esses cadaveres macilentos!...

Ismael

BAIRRADA

Os prelos da imprensa d'Aveiro teem gemido ultimamente com o peso de repetidas correspondencias de Anadia.

Os dois jornaes de feição monarchica que se publicam n'esta cidade teem sido o theatro da controversia levantada, e se foram a dar ouvidos aos propaladores do effeito da polemica, teriamos de julgar que se tratava d'uma questão magna, d'um assumpto edificante, d'uma causa sumamente grave.

Averiguado porém, o caso, a critica tomou umas dimensões perfeitamente anãs, porque, em vez de seerguer no campo dos principios, resvalou no caminho esteril do soalheiro d'aldeia; em vez de jogar o pleito justo d'uma questão de interesse local, cahio no trilho ingrato de discutir umas individualidades.

É certo que, no terreno das discussões pessoases, torna-se quasi sempre ingloria a tarefa e são de pouca funda as marchas forçadas...

A critica d'Anadia debicou com a camara e teve suas pretensões de metter a ridiculo uns certos camaristas. Demos de barato que a actual verreação não tenha tido um plano organisador de reformas, sem elemento compacto de administração. Quem a elegueu? Foi mais que tudo o consenso d'esses criticos revoltados, que accel-

taram sem a menor hesitação a lista de chapa que lhe metteram ras mãos e disseram «amen» ás indicações d'um poder qualquer que parece ter incarnado em si o destino politico da Bairrada.

A camara não se tem distinguido em rasgos de iniciativa util, não tem alargado a area dos melhoramentos materiaes, não se preocupa ainda com os assumptos da instrução? Venha a critica discutir isto, mas comece por penitenciar-se a si mesma da escolha que fez, dos vereadores que elegeu, dos arranjos a que se submetteu. Em quanto não fizer assim, não podem ter auctoridade os seus desabaços nem ella certamente empregue bem o tempo em esgrimir contra os fructos da sua extrema condescendencia, ou da sua singular ingenuidade, isso como a critica quizer...

Concluindo: que a camara não conte conosco para seu paladino. Que a critica não vá inflamar-se com o exposto e com o mais que teremos a dizer-lhe...

CARTAS

Lisboa, 25 de maio.

Tem havido por aqui risota geral com as peripecias da viagem das magestades.

Os realistas declamam contra nós, gritam que não valemos nada, que não temos importancia, que o povo é alto respeitador das virtudes de *suas magestades*, etc. Pois, meus amigos, deixae-os declamar á vontade. O nosso mal está unicamente na imbecillidade da nossa chefatura, e na sua indolencia característica. Isso é que nos tem incommodado; felizmente ha de se remediar. As massas, porem, as classes trabalhadoras que constituem a força viva da nação são profundamente republicanas. Já o demonstraram por varias vezes e cada vez o demonstram mais accentuadamente.

Assim a viagem das magestades veio acabar d'evidenciar os sentimentos republicanos do povo de Lisboa. Aqui, mesmo entre as classes conhecidas por um conservantismo tradicional, ninguem dá importancia ao facto da viagem e tudo se ri a bandeiras despregadas dos incidentes a que esta tem dado lugar.

O rei não tem prestigio absolutamente nenhum sobre a população da capital. E quando n'uma monarchia tradicional, como a nossa, se foi o prestigio, foi-se tudo. Tirem o prestigio a um chefe militar e verão como elle é o joguete dos seus subordinados, que o não respeitam e que o attendem um pouco só por medo dos castigos corporaes. O mesmo se dá com o rei. Foi-se-lhe o prestigio, foi-se-lhe a auctoridade. Toleram-no ainda porque as circunstancias obrigam a isso. Mas, no primeiro momento agudo, investem com elle e arrancam-lhe a tunica.

—O sr. D. Luiz de Bragança, com parte da familia e creados, sahiu na segunda feira do Paço d'Ajuda, pelas quatro horas da tarde, em direcção a Santa Apollonia d'onde ia partir para Hespanha.

Pelas ruas havia curiosos, não muitos, que contemplavam a magestade, como sempre, com a maxima frieza. Nem um viva, nem uma exclamação d'enthusiasmo, e pouquissimos levavam a mão ao chapeo. Estes mesmo faziam isto com uns modos, que pareciam mais de compaixão que de respeito...

Ao passar a comitiva na rua de S. Francisco de Paula, um preso do corpo de marinheiros, n.º 84 da 9.ª secção, atirou com o bonet para dentro da carruagem do rei. Houve panico nas hostes reaes. Um ajudante agarrou immediatamente o bonet e deitou-o fóra. Julgava-o de dynamite, o bom do homem. O rei, que, dizem as más linguas, não pecca por valente, empalideceu.

O estandarte real içado na gare do caminho de ferro estava com as armas reaes de pernas para o ar. O povo, que notou o caso, commentava-o com galhofas. Um bom velhote que se encontrava ao meu lado, admirador da velha realza, dizia-me com ar triste: «Que mau agouro n'um dia

d'estes e nos tempos revolucionarios que atravessámos! Aquillo foi feito de proposito, não pode deixar de sêr.»

Alem d'outros pequenos incidentes provocadores do riso, a sabujice dos jornaes monarchicos augmentou consideravelmente o ridiculo da festa e o desprestigio real.

Um, por exemplo, escreveu: «Durante todo o trajecto da carruagem até ao salac armado na plata forma, onde suas magestades descansaram uns minutos, a mão de sua magestade a rainha, tão prompta sempre a socorrer os necessitados, *era disputada avidamente*, porque todos queriram ahí depôr um beijo.» No dia em que o papel publicou a sabujice e no immediato, não se ouvia pelas ruas senão isto:

«Oh Fulano! Tu tambem disputaste avidamente a mão *aveludada* da rainha, aquella linda mão sempre prompta a *socorrer os necessitados*?»

Ora, realmente, estes jornalistas monarchicos são uns puros idiotas. Em lugar de se absterem de publicar o que seja motivo de troça para esta gente da capital que ri de tudo e que aborrece demais a realza, são os primeiros a desafiar-la com idiotices como essa que ahí fica escripta.

—Quaes são os resultados praticos da viagem de *sua magestade* a Hespanha? Favorecer os interesses hespanhoes e prejudicar os portuguezes. É sabido o empenho com que os hespanhoes trabalham na união iberica. Não perdem occasião de fallar n'isso, que é o seu sonho dourado. Como veem os inconvenientes que resultariam d'uma conquista, se por acaso nos absorvessem á força, mudaram de tactica e agora, ha um certo numero d'anos para cá, dissimulam quanto podem as más intenções de que se acham possuidos.

Lisongeam-nos as vaedades, engrandecem-nos as qualidades, chamam-nos irmãos e vão advogando uma *união iberica* em que as duas nações conservem *autonomia* absoluta. Cantigas. O mais forte aniquilou sempre o mais fraco. E' o que se daria n'uma *união*, em que houvesse *autonomia* reciproca. Essa autonomia só seria possivel n'uma federação de todos os estados peninsulares e a monarchia não quer federações.

O sr. D. Luiz de Bragança, portanto, só consegue, com estas viajatas e festanças, convencer os hespanhoes de que as suas utopias vão sendo aceites em Portugal, e dá-lhes por conseguinte certas osadias que nos podem sêr damnosas. Depois, em Hespanha ha bons estadistas e como os que nos dirigem são uns asnos, não é muito difficil áquelles embrulhar estes. Já se falla para ahí em liga aduaneira, n'um só typo de moeda para ambos os paizes, etc. Pois principiem por ahí e verão onde param. A liga aduaneira seria a nossa ruina e o engrandecimento de Hespanha.

Finalmente o sr. D. Luiz de Bragança que já escreveu cartas a Napoleão III pedindo-lhe a coroa d'imperador da Iberia, é presentemente o homem que mais favorece a propaganda iberica.

Entretanto, os corvos realistas que nos chamem ibericos e que digam que a monarchia é um peñhor da nossa independencia. Bello penhor, não ha duvida! Deixem correr o tempo. *Largos dias têm cem annos.*

—Realizou-se hontem a procissão de *Corpus Christi*.

Que borracheira, santo Deus! Os catholicos, se tivessem fino, não consentiam que procissões d'aquella ordem sahisses á rua. E já que elles o não teem, assistia ao governo o dever de o ter, prohibindo-as.

Os leitores do *Povo d'Aveiro* não fazem edêa das arruaças medonhas a que as procissões, mas a de *Corpus Christi* principalmente, dão lugar em Lisboa.

Na rua onde eu hontem presenciei o desfilar da procissão, e que era a mais concorrida, os espectadores galhofaram de tudo d'uma maneira incrível, por entre uma vozeria enorme.

Os padres foram alvo dos maiores sarcasmos. Eu não me associei a elles, porque respeito em absoluto todas as pessoas, mas não pude deixar de me rir.

Com effeito, nunca vi diabos mais feios do que aquelles padres. Feios! Horrendos, deveria dizer, verdadeiros phenomenos phisicos. Coitados, elles

não teem culpa, mas aquellos typos corcundas, obesos, tortos, aleijados, provocavam a troça e o riso.

Lá como elles conseguiram arranjar uma *troupe* tão equal é que eu não sei. Nem a troupe se podia coher. Officiaes e soldados mordiam os labios para vêr se lhes era possivel conservar uma certa seriedade.

A apresentação d'armas ao S. Jorge, o S. Jorge mais ridiculo que tenho encontrado, foi recebida com gargalhadas. Os militares dão o serio cavaco com a tal cerimonia d'apresentar armas a um gebo de pau, e hontem estavam indignados com a brincadeira.

Tudo isto, sarcasmos, galhofas, ridadas, indignações é um grande symptoma de regeneração.

Le monde marché. Y.

Porto 24 de Maio.

Decerto já ahí sabem do horroroso sinistro, succedido, no dia 21, n'esta cidade e na rua de S. João.

Um incendio terrivel encheu de consternação e lucto toda esta terra onde não ha memoria d'um desastre equal.

Não me alongo na descripção da calamidade que nos feriu por julgar isso inoportuno, depois das noticias circumstanciadas dos jornaes diarios que expozeram o caso em toda a desoladora nudez em que se deu.

Limite-me a registrar a imponente manifestação de sympathia, homenagem e gratidão á memoria veneranda do heroico soldado da Paz, morto, por uma forma horrivel, na occasião em que se achava em lucta com o voraz elemento.

O cadaver do desditoso bombeiro, um dos soldados mais bemquistos da prestante corporação de bombeiros municipaes, teve um enterro imponentissimo e sem precedentes estabelecidos.

Formavam o sahimento funebre, a camara municipal do Porto, trajando rigoroso lucto, seguida por todos os seus empregados, corporação dos bombeiros de Gaya, corporação de bombeiros voluntarios e companhia de incendios do Porto. Cada chefe de cada uma d'estas corporações, conduzia uma coroa de perpeluas com inscripções apropriadas, e nos rostos de todos se lia claramente a dor e o profundissimo desgosto que lhes ia n'alma. Enorme concurso de povo seguia de chapeu na mão, e no meio do maior silencio, o funebre cortejo.

As pessoas mais velhas do Porto, affirmam não se recordar de facto equal em imponentia e significação.

O feretro do finado era conduzido sobre a carreta da bomba a que em vida pertencera e coberto com um rico panno de velludo preto franjado de prata.

Pegava ás borlas do caixão a camara municipal por conta de quem correram todas as despezas do funeral.

A's 10 horas da noite havia terminado a funebre cerimonia; estava entregue aos vermes do sepulchro o corpo inanimado d'aquella cuja memoria não poderá apagar-se jamais e passará incolume atravez do decorrer dos annos.

Antes havia-se effectuado no cemitério dos Inglezes, ao Campo Pequeno, o enterramento de James Franklin, uma outra victima da sua dedicação e desinteresse.

Deixemos porem assumptos tristes. Para tristeza já basta.

Fallemos da companhia hespanhola de zarzuela que dirige notavelmente o baritono D. Maximino Hernandez, e que actualmente funciona no Theatro Baquet.

Depois da noticia que, na carta anterior vos dei, da estreia d'esta excellente companhia, com a zarzuela em trez actos *La Tempestad*, representou-se ella mais trez vezes, sempre com equal maestria e com larga colheita de applausos aos distinctos interpretes da obra de Carrion e Chapi.

Em seguida tivemos o *Campamento*, em Pactos, já nosso conhecido, e *A musica classica*, zarzuela nova em 1 acto.

Desempenho soberbo, simplesmente admiravel! Os côros, uma perfeição inexcêdível, musica deliciosa, declamação esplendida de naturalidade, sobressahendo o director, D. Maximino,

habil artista, distincto cultor da musica e apreciavel cavalheiro.

Na *Musica classica*, a tiple Carmona e Senis, tenor comico, admiraveis.

Depois representou-se o drama *As duas orphãs*, com musica de Chapi, baseado no drama em 5 actos do mesmo titulo que aqui tem sido executado pelas companhias portuguezas.

É obra regular, com alguns numeros de musica muito lindos, e que serviu para a apresentação no Porto, da tiple Señorita Ordán, artista bastante apreciavel embora não chegue ás suas collegas Señoritas Gonzalez e Carmona.

Immediatamente a este drama, subiu á scena a zarzuela em tres actos, *Los Mosqueteros Grises*, libreto igual ao dos *Dragões d'El-Rei*, mas cuja musica, em vez de ser a que já conhecemos de D. José Rogel, é original de Luiz Varney.

Um primor, principalmente o primeiro acto que em musica é superior ao dos *Dragões*.

Os restantes dois actos, são demasiado frios em comparação com os da tradução portugueza, opulenta pela fina veve e elevado humorismo do nosso sympathico Eduardo Garrido.

Em todo o caso, a peça agradou e deu de crer que volte á scena, como succedeu ao *Campanone* que vai hoje á noite, pela segunda vez.

Hontem cantou-se perante uma larga e selecta concorrência, a bonita zarzuela em 3 actos *El Anillo de hierro*, bordada de musica mimosa e agradável.

O desempenho d'esta zarzuela, é, sem duvida, o melhor que tenho visto e acabou de estabelecer os créditos da magnifica companhia, que em boa hora se lembrou de nos visitar.

Maximino, Orenge, Senis, Riva e a Señorita Gonzalez houveram-se com a maxima distincção. O corpo de coristas apresentou-se esplendidamente enfiado, de forma a captar geraes demonstrações de enthusiasmo.

São justissimos os applausos que o publico dispensa á companhia de D. Maximino Hernandez, uma companhia de primeira ordem.

Pela *Tempestad e Anillo de hierro*, que em vez de zarzuelas deviam chamar-se operas, pode-se avaliar bem os recursos de que dispõem tão illustres e distinctos artistas como são os d'esta companhia.

Parabens, mil e mil parabens a D. Maximino pelos seus triumphos e mil e mil agradecimentos pelas excellentes noites que tem proporcionado ao publico portuense.

Bravo! Bravo!

Alberto Bessa.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes, que se acham em debito, a fineza de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, para o bom andamento da administração d'este jornal.

Os principaes generos alimenticios correm no nosso mercado pelos seguintes preços:

Feijão laranjaio.....	20 litros	1:180
« branco.....	«	840
« mestura.....	«	760
« manteiga.....	«	980
« frade.....	«	680
« caraça.....	«	94
Trigo gallego.....	«	980
« Tremez.....	«	740
Milho branco.....	«	730
Dito amarello.....	«	710

Principiaram a 19 e terminaram a 23 os exames d'instrução primaria elemental em Sever do Vouga. Presidiu ao jury o sr. sub-inspector da Feira, a cujo circulo pertence aquelle concelho. Este digno e zeloso funcionario já vinha de Cambra, d'Arouca e de Paiva e tencionava percorrer todo o seu circulo empenhando-se deveras em estimular professores, alumnos e familias interessando a todos no progresso e derramamento da instrução e no levantamento do nivel intellectual. Inefizmente, cremos que de todo o seu trabalho pouco fructo se tira—ao me-

hos, certamente proporcional. A inspecção intelligente, activa e diligente é muito, mas é só factor, que assim isolado cairá quasi como semente esteril em terreno safaro e infecundo. A absoluta falta de casas e de instrumentos de ensino; a mesquinhez de retribuição que traz o professor em continua fallencia e em perpetuo sobresalto e desgosto e na perspectiva de suicidio; a desidia e relaxação nas camaras municipaes em tudo que respeita á instrução, fazendo esperar os professores mezes e annos pelo mesquinho salario; o cynismo no governo colloborando no caloteamento que as camaras prégam; o desprezo da lei a respeito d'ensino obrigatorio—eis as principaes chagas. E não vemos geito de serem curadas. Não alimentamos sequer esperanza. Temos a iniciativa particular; mas essa tem-se apenas manifestado no partido republicano, e os republicanos tem de frente tanta canalha...

Eram 15 os examinandos ficando dois distinctos e o resto approvados. Assistiram os nossos amigos srs. drs. Joaquim Pereira da Silva Amorim, presidente da commissão inspectora de exames, e José Maria d'Albuquerque Tavares Lobo, presidente da Junta Escolar.

O nosso amigo sr. Macedo digno professor de Pecegueiro distribuiu selectas de Simões Lopes aos approvados com distincção e estampas aos outros.

O sr. sub-inspector fallou proficientemente das vantagens e necessidade da instrução.

Recebemos os dois primeiros n.ºs de um novo jornal que se publica no Porto e que tem por titulo *A Opinião*. É humoristico, litterario e theatral.

A *Opinião* traz artigos de summo interesse e bem redigidos.

Agradecendo a visita com que nos honrou, fazemos votos pela sua prosperidade.

Chegou na quinta feira passada a Paradella (Sever do Vouga) onde é sua casa o nosso muito presado amigo e respeitavel cavalheiro sr. Manuel Marques de Almeida Bastos, de volta da sua viagem ao Brazil. S. S.ª foi cumprimentado no Lazareto pelos nossos amigos srs. Guilherme H. de Sousa e Casimiro Freire, acreditados commerciantes da praça de Lisboa, e este um dos redactores do *Seculo*. De Sever foram alguns cavalheiros esperar o sr. Almeida Bastos a Lisboa e agora acompanharam-no a sua casa, onde este nosso amigo vem encontrar nos carinhos e affectos da familia galardão aos seus trabalhos e fadigas.

Tudo merece o bom filho, bom amigo e bom cidadão.

N'outro lugar d'esta folha publicamos o resultado da subscrição angariada por este cavalheiro a favor das Escolas Moeis pelo methodo de João de Deus.

O portuguez no Brazil é patriota, e nutrimos esperanza de porvirem d'alli o soccorro a uma Associação que se proõe ao mais util e humanitario escopo. Lançado o homem á torrente da vida, como producto das leis d'um genesis admiravel se não mysterioso, muito incompleto se lhe não rasgam as trevas em que entra envolto. Quem não sabe ler está privado do mais precioso instrumento d'aperfeçoamento, de força e de progresso. Mais de dois terços de analfabetos sobre a população geral do paiz servem de alicerce a esse poder nefasto e criminoso que para absphecelar a patria n'um tripudio onde a inepcia, a corrupção, a imbecillidade e o cynismo se igualam e completam como factores d'uma obra infernal—a aniquilação d'este bello paiz.

Luz! luz! Trabalhemos pela luz e trabalharemos pela felicidade da humanidade.

Do sr. Emygdio Augusto da Costa Cabral recebemos o seguinte:

Agradecimento e despedida

Emygdio Augusto da Costa Cabral, nimamente penhorado com as provas de sympathia e amizade, que lhe dispensaram todos os cavalheiros da ci-

dade, com quem no decurso de nove mezes teve relações, recorre a este meio para agradecer-lhes cordalmente, e de preferencia, aos ex.ºs srs. Chefe do Districto, Presidente da Camara Municipal e representantes da imprensa local, a quem se confessa devedor de inolvidaveis finezas e amizade da mais profunda gratidão e sincero reconhecimento, offerece a todos o seu limitadissimo prestimo em Lamego, para onde parte amanhã 26 de maio corrente. Aveiro 25 de maio de 1883.

Subscrição em beneficio das Escolas moeis pelo methodo de João de Deus, obtida na cidade do Pará, por intermedio e iniciativa do sr. Manuel Marques d'Almeida Bastos, acreditado commerciante d'esta praça, e a pedido do nosso amigo o sr. Eduardo Arvins, professor de Sever do Vouga.

Esta subscrição foi feita de accordo com o § unico e art. 3.º dos estatutos da mesma associação. Segue a relação dos cavalheiros que de boa vontade se dignaram concorrer para um tão justo fim:

Manuel Marques d'Almeida Bastos	50\$000
Joaquim Maria Soares	20\$000
Manuel Gonçalves de Brito	10\$000
Manuel José de Faria	10\$000
José Luiz Alves Mourão	10\$000
Manuel da Silva Freitas	10\$000
José Pereira Barboza	10\$000
Domingos Fernandes Mourão	10\$000
Manuel Gonçalves Pereira	10\$000
Joaquim da Silva Vidinha	10\$000
Antonio B. Alves Junior	10\$000
Manuel Fernandes d'Oliveira	10\$000
Joaquim d'Oliveira Araujo	5\$000
Antonio Pires de Carvalho	5\$000
Camillo José Dias	5\$000
Manuel Joaquim da Rocha	5\$000
Alvaro da Silva Monteiro	5\$000
Francisco F. da Silva Vizeu	5\$000
Manuel de Brito e Cunha	5\$000
Fernando A. da Rocha	5\$000
Joaquim José da Silva	5\$000
Manuel José de Pinho	5\$000
José Antonio Pinho	5\$000
João Martins de Castro	5\$000
Joaquim Pereira Campelo	5\$000
José Ferreira Barboza	5\$000
Agostinho M. A. Bastos	5\$000
Manuel Antonio Pinho	5\$000
João Alberto Gaspar	5\$000
Julio F. Bastos	5\$000
Manuel Rodrigues Prado	5\$000
José Lucas de Souza	5\$000
Manuel José Araujo	5\$000
Joaquim M. Soares	5\$000
José R. da Roza Figueira	5\$000
José Fonseca Veiga	5\$000
José Antunes da Rocha	5\$000
Antonio José Pereira	5\$000
José Pereira Henriques	5\$000
Adriano F. Cardozo	5\$000
Joaquim Antonio Ferreira	5\$000
Antonio Joaquim Henriques	5\$000
Antonio J. F. Marcos	5\$000
João V. da Rocha	5\$000
Antonio Gomes Cardozo	5\$000
Amaral	5\$000
Martins	5\$000
José Antonio Lopes	5\$000
José A. da Silva Adrião	5\$000
João M. Soares	5\$000
Luiz Maria Santos Ferreira	5\$000
J. Peany	5\$000
Francisco José da Silva	5\$000
Antonio J. Sequeira	5\$000
Agostinho Pereira Lopes	5\$000
Ricardo Pereira Lopes	5\$000
Daniel José Fernandes	5\$000
Manuel Antonio Ferreira	5\$000
Manuel da Costa Pinto	5\$000
Manuel Pereira da Silva	5\$000
H. N. da Costa	5\$000
Francisco Joaquim Tavares	5\$000
Joaquim Pires da Costa	5\$000
Domingos José de Carvalho	5\$000
Antonio B. de Brito	5\$000
Benjamin F. M. Ferro	5\$000
Julio M. Pacheco	5\$000
J. S. Oliveira Miranda	5\$000
João Moreira Pacheco	5\$000
Joaquim da Silva Freitas	5\$000
Manuel Pedro da Silva	5\$000
Domingos José Dias	5\$000
M. F. da Silva	2\$000
A. S. Moreira	2\$000
B. J.	2\$000

Total 496\$000
(Moeda fraca, que ao cambio de 248 sob. Portugal dá em moeda forte 200:000 reis.)

Offerecemos o nosso folhetim, de-

vido á penna soberba de Alexandre Herculano, a esses mariolões que pedem a volta dos frades.

Esses mariolões tem os mesmos instinctos, sem tirar nem pôr, que aquell'outros mariolões que queimaram os christãos novos aos milhares. Arreda, canalha.

Veio este anno prégam o sermão de Sexta feira da Paixão, convidado pela irmandade do Sacramento da Vera Cruz, certo padre de Agueda, que é uma carroça de virtudes.

Ora preste o leitor a sua attenção ao facto que passamos a narrar.

Fôra estipulado que o bom do padre levaria pelo seu *aranzel* o mesmo que outro havia recebido o anno passado por igual serviço. Deu-se o caso de não apparecer, na occasião de pagar, o livro das despesas da irmandade, e por isso ninguém sabia quanto o pregador devia receber.

Elle porem removeu esta difficuldade, dizendo aos da irmandade:

—Vossês dão-me 9000 reis e depois quando apparecer o livro, avisam-me sobre a quantia ao certo, e eu restituirei alguma coisa, se o meu collega tiver levado menos.

E os papalvos caíram na esparella, entregando as duas libras ao padre!

Ultimamente apparece o livro em que consta que o pregador do anno passado ganhou 6000 reis. Escreveram ao homem, perdão ao padre, e a resposta, se não foi bem a de Camborne, foi semelhante.

Bem feito! Pois 6000 reis podem lá pagar esse trabalho fatigante de flagellar tantas centenas de ouvidos! Essa quantia ganha qualquer miseravel cavador... em um mez.

A irmandade que tome juizo e empregue melhor o seu dinheiro. Isto de Semanas Santas e sermões, vai passando de moda.

E que parece ao leitor o padrega? É fino ou não?

Diz o *Primeiro de Janeiro* de hontem:

«Até á hora em que vai entrar o nosso jornal na maquina não recebemos telegrammas de Madrid, do nosso correspondente particular.

Soubemos na estação telegrafica que estavam interrompidas as communicações entre esta cidade e a capital hespanhola, ignorando-se os motivos. Parece que o mesmo succede entre Lisboa e Madrid.»

Diabo, isto é coisa!

Uma interrupção assim brusca e inexperada, sem explicação, dá que pensar. Mas os republicanos de cá absteram-se de ir ver a Madrid a real bambochata; portanto, custa a crer que apparecesse lá a decantada hydra, a não ser que fosse dentro do chapéu d'algun dos srs. monarchicos.

Explicuem isto por favor.

Passa muito mal de saude o nosso respeitabilissimo correigionario sr. Rodrigues de Freitas, illustre professor e escriptor, e uma honra e gloria do partido republicano. Os medicos prohibiram-lhe a minima occupação e até o abrir a correspondencia.

Fazemos sinceros e ardentes votos pelo desaparecimento do incommodo e pelo restabelecimento do distincto democrata e parlamentar.

Já está assente o gradeamento em volta do pedestal em que se vai erguer a estatua do grande patriota e eminente orador, José Estevam.

Oxalá que se não faça demorar a conclusão d'essa obra, que representa o pagamento de uma divida sagrada de que é credor o illustre tribuno, pois que sempre se desvelou pelo engrandecimento d'esta cidade.

No domingo passado, um touro furioso fugido da praça de Sant'Anna, causou serias desgraças em Lisboa.

A proposito lembra-nos isto: Aveiro, terra atrazadissima, sem melhoramentos materiaes de qualidade alguma, possui todavia uma das melhores praças de touros da nação.

Não ha nada melhor para provar o grau de civilisação a que este povo chegou. Perca-se tudo mas haja touros. Aquelle individuo que gastou uns poucos de contos de reis na praça do Rocio, teria servido com maior vantagem esta terra e os seus proprios interesses, se empregasse esse dinheiro no desenvolvimento ou creação de qualquer pequena industria.

Não o quiz e tanto peor para elle e para a terra.

O povo aveirense não adquire titulos completos de amor á civilisação e ao progresso enquanto não reprovar de todo as touradas. Que ponha os olhos no que succedeu agora em Lisboa e que lhe sirva isso d'incitamento á sua abstenção de divertimentos tão indignos.

Aquelle correspondente lisboeta do *Districto* é um alho. Embirrou comnosco, o figurão. Não sabe qual é a nobreza dos nossos intuitos, nem a grandeza da nossa vitalidade. Pois olhe que é facil sabê-lo. A nobreza dos nossos intuitos consiste em acabar d'uma vez para sempre com esse regimen desgraçado a cuja sombra V. S.ª medra e engorda, por certo. A grandesa da nossa vitalidade está, para não ir mais longe, no enthusiasmo e dedicacão com que as classes trabalhadoras d'esta terra nos seguem na santa propaganda que encetámos ha pouco mais de dois annos, quando os seus correigionarios d'aqui nos trocavam de baixo dos balcoes, prophetisando a nossa morte immediata.

Não só vivemos ainda, mas até crescemos successivamente no numero de proselytos e na coragem e fé de que diariamente dão provas, ao passo que o desalento augmenta nas fileiras contrarias. Acha pouco?

O correspondente entende que os nossos deputados fazem na camara uma figura vulgar. Brinca comnosco ou esqueceu-se do Cocó, do Alves, do Thomaz Ribeiro, do Aralla, de toda a carneirada da maioria? Ora frate d'outra vida. Não se incomode com a nossa existencia breve e mesquinha e com a ingleria da nossa celebridade. Mais obras e menos palavras. O ajuste de contas ha de vir um dia e então fallaremos. Entretanto acatele-se e lembre-se de que não é bom confiar na providencia.

Vociferando contra nós, só consegue demonstrar que não valemos para si tão pouco como parece querer dar a entender.

O sr. José Dias Ferreira, deputado por Aveiro, foi eleito grão mestre da maçonaria portugueza.

É um grande character, aquelle nosso representante! Dos seus tres filhos, um foi educado no collegio jesuitico de Campolide, outro no collegio de freiras irlandezas do Bom successo, collocado sob a protecção do nuncio de sua santidade, outro está sendo educado no collegio jesuitico de Bemfica collocado sob o patronato da condessa de Rio Maior e de toda a vil canalha negra, de batina, casaca e saias que anda espalhada por esse reino fóra.

É um tal pae que dirige a maçonaria portugueza!

Ah! meu bom e refinado hypotrital! Nas proximas eleições conversaremos na urna.

De resto a maçonaria de nada vale entre nós. A sua influencia é nulla e a sua importancia chatissima.

ANNUNCIOS

HOMENAGEM

AO PARTIDO REPUBLICANO

Um esplendido quadro typographico nitidamente impresso a 12 côres, com o retrato do fetundo evangelizador da democracia portugueza

Dr. Manoel de Arriaga

A venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso Brazileira, rua dos Correios, 140, 1.ª; na officina d'encadernador, rua dos Cavalheiros, 33; e em diversas livrarias. Os pedidos devem ser dirigidos a Oliveira & Souza, pateo do Aljube, 5: Lisboa: Preço 500 reis.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA
COM
OFFICINA DE SERRALHARIA
EM

MAQUINAS

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do prego de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de aço, carda ingleza, panelas de ferro, balanças decimales, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

**GRANDE
NOVIDADE**



A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova
machina de cozer de

LANÇADEIRA OSCILANTE

É ESTÁ A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HA-
VDÓ NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e
de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—
Aglha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas
no trabalho.—Silenciosas sem igual.—Não precisa encher canellas.—Não
precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elastico. Todo
o seu machinismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sem-
pre perfeita.

GARANTIDA POR DOZE ANNOS

PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS

Para familias; para alfaiates; para sapateiros; para toda a classe
de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis,
com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER FAMILIA de LAN-
ÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de
lançadeira oscillante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade,
como nunca terão visto.

Aos alfaiates e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova ma-
china de lançadeira oscillante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1-300 MACHINAS
VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES
SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham
as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

Companhia Fabril Singer

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

AVEIRO

52—Largo da Praça—53

OVAR

E

Emtodas as capitães de districto de Portugal

NOITES ROMANTICAS

F. N. COLLARES

18—LISBOA, RUA DA ATALAYA

O Rei do Crime

LURO VELÓCE & C.ª

Grande Romance de costumes con-
temporaneos, cuja acção principal se pas-
sa em Portugal e Brazil por

C. BONHEUR

ilustrado com magnificas gravuras de-
senhos francezes.

50 rs. cada semana 5 folhas ou
4 e uma estampa em todo o paiz.

Brindes aos srs. angariadores de
6 até 40 assignaturas.

BRINDE Á SORTE
UMA INSCRIPÇÃO DE 100\$000

**LA ILUSTRACION
MILITAR**

(Revista litteraria, scientifica e artistica)

Este esplendido jornal, dedicado á
classe militar, publica-se mensalmente
em Madrid, impresso em superior pa-
pel de grande formato, com gravuras
magnificas de acontecimentos milita-
res, primorosamente executadas por
distintos artistas. Muitos n.º são a-
companhados d'um supplemento com
uma gravura de dupla pagina para al-
bum ou quadro e mais duas paginas
de leitura amena: cada n.º ordinario
contem 16 paginas a 3 columnas de
luxuosa impressão, e o n.º do suppl-
mento contem 20 paginas.

Publica em cada n.º pelo menos,
10 gravuras.

Os preços da assignatura em todo
o reino de Portugal são os seguintes.

Anno..... 2:300

Semestre..... 1:200

Trimestre..... 600

Não terão valor os pedidos que não
venham acompanhados da sua impor-
tancia em vales do correio.

Dirigir para subscrever ao Repre-
sentante, no Porto:

A. A. de Bessa Carvalho
Campº 24 d'Agosto, 138.

ATENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de
receber um grande sortido de balões ve-
nezianos, assim como uma grande col-
lecção de bandeiras, as quaes aluga
por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega
da collocação de iluminação nos
arraiaes, assim como adornamen-
tos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º
24.

! NOVIDADE !

**Ourivesaria Manu-
factora**

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão.

Galeria Republicana

Editor e proprietario
JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Quem angariar 10 assignaturas
receberá uma gratis

Lisboa

Anno ou 24 numeros..... 1\$500

Semestre ou 12 numeros.... 720

Trimestre ou 6 numeros..... 400

No acto da entrega..... 70

Numero avulso..... 100

Provincias e ilhas

Anno ou 24 numeros..... 1\$600

Semestre ou 12 numeros.... 800

Africa e estrangeiro accrece o im-
porte do correio.

Brazil, anno ou 24 numero
(moeda forte)..... 3\$000

Questão da sebenta

I

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas á Sebenta»—do dr. Aveli-
no Cesar Callisto. 1 folheto 60 reis.

II e III

«O. sr. Camillo C. Branco e as su-
as notas á Sebenta»—por Avelino Ce-
sar A. Callisto.

«Duas palavras ao sr. Camillo C.
Branco»—por José Maria Rodrigues.
1 folheto 60 reis.

IV

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Notas ao folheto do dr. Avelino
C. Callisto». 1 folheto 60 reis.

V

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«A cavallaria da Sebenta»—Res-
posta ao theologo. 1 folheto 100 reis.

VI

«As evasivas do sr. Camillo C.
Branco»—por José Maria Rodrigues.
1 folheto 100 reis.

No Prelo

VII

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Segunda carga da Cavallaria»—
Réplica ao padre. 1 folheto grande 130
reis.

Toda a collecção..... 530 reis
Pelo correio..... 560 »
Na livraria de ERNESTO CHAR-
DRON—Porto.

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarello gordo de boa qua-
lidade a 1:600 reis por cada arroba
antiga (14,683) e a retalho a 120 reis
o kilo, vende se na loja de Fernandes
Melicio na rua Direita em Aveiro.

**EMPREITADA A
CONCURSO**

Para a construcção de um jazigo
de familia no cemiterio da freguezia
da Murtosa, recebem-se propostas em
casa de Antonio José de Freitas Guima-
rães, na Praça de Pardelhas, e n'esta
cidade, em casa do exm.º sr. commen-
dador Manuel José Marques e Silva
Tavares, na rua do Passeio, onde es-
tão patentes a planta e orçamento, to-
dos os dias.

BICHAR

Vende-se um com todos os seus
pertences e muito em conta.
Nesta Redacção se diz.

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA
4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades,
lavatorios, fogões, e camas de preço de reis
8\$000 a 1\$400.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA.
CONVENTO DA ESTRELLA
COIMBRA

BOLACHA		BISCOUTOS	
	Kilo		Kilo
D. Luiz.....	220 rs.	Limão 1.ª.....	220 rs.
Franceza 1.ª.....	230 »	» 2.ª.....	210 »
» 2.ª.....	210 »	Canella 1.ª.....	220 »
Agua e Sal 1.ª.....	240 »	» 2.ª.....	190 »
» 2.ª.....	230 »	Lacinhos.....	250 »
Leve.....	210 »	Suissos.....	400 »
Torrada.....	210 »	Belgas.....	320 »
Requite 1.ª.....	360 »	Paciencias e Marialvas	400 »
» 2.ª.....	260 »	Linguas de gato.....	400 »
» 3.ª.....	220 »	Palitos amendoa 1.ª	360 »
Erva doce.....	170 »	» 2.ª.....	320 »
Amores.....	360 »	Canella.....	220 »
Pão de Ló.....		Limão.....	240 »
» em fatia torrado		Deliciosas.....	320 »
Pemzinhos.....	360 »	Estrellas.....	400 »
Primores.....	400 »	Coróas a Camões.....	320 »
Bolo inglez, duzia.....	200 »	Marquinhas.....	320 »
N. B.—Os preços acima mencionados não tem desconto.		Pauperios e Bisc. Porto	220 »

COMPANHIA

Messageries Maritimes

**LINHA QUINZENAL
DE PAQUETES**



**CARREIRA DO BRAZIL E RIO
DA PRATA—CORREIO FRNCEZ—** Tracta-se em
Aveiro, Agencia Central, com PAULO DE SOUSAPEREIRA, ru-
de José Estevam, n.º 47 1.º andar.